

A INTERFERÊNCIA DE FATORES SOCIAIS NA AQUISIÇÃO DA NORMA CULTA.

Roberto Gomes CAMACHO*

RESUMO: Este trabalho pretende demonstrar que o processo de aquisição da linguagem culta está correlacionado a fatores de natureza extralingüística como nível socioeconômico, idade e escolaridade.

UNITERMOS: Norma culta; variante de prestígio; variante estigmatizada; norma pedagógica.

INTRODUÇÃO

Todos concordam que a principal tarefa do ensino da língua materna pelo sistema escolar consiste a rigor na transmissão de uma forma padrão de linguagem, também denominada norma culta ou de prestígio. Nem todos concordam, entretanto, em identificar no que consiste fundamentalmente essa modalidade de linguagem.

Por não haver ainda consenso em torno da idéia-pesquisa a respeito, o projeto NURC, parece estar ainda na fase de catalogação de dados — o único meio disponível para determinarmos formas de prestígio em língua portuguesa é o da chamada norma prescritiva, que se baseia num critério de correção. O que é bastante discutível, todavia, é a imposição de tal critério como a técnica pedagógica mais adequada para o ensino do vernáculo**.

Nem sempre o critério de correção é capaz de explicar todos os casos em que determinadas formas de expressão predominam sobre suas alternativas, de vez que o prestígio social de que são dotadas certas variantes não coincide necessariamente

te com as formas conhecidas como as mais corretas. A atribuição de status social de prestígio não obedece a nenhum critério definido e está integrada em uma rede muito intrincada de valores sociais diversos.

Para fixarmos um princípio de trabalho, consideraremos linguagem padrão como a totalidade das formas de prestígio empregada por falantes de determinada comunidade, sobretudo nas circunstâncias de interação verbal que mais as exigem.

Não são todos os falantes que logram atingir a amplitude total das formas da modalidade culta, isto é, não são todos os falantes que adquirem um domínio completo da linguagem, a ponto de lhes permitir empregar uma amplitude de registros de fala, perfeitamente adequados e consistentes às mais diversas situações de intercâmbio verbal. Além disso, o domínio das formas de prestígio parece acompanhar uma certa rigidez na escolha dos registros: uma vez adquirida a modalidade padrão, poucos falantes parecem reter a habilidade de empregar um registro

* Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas — Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas — UNESP — 15.100 — São José do Rio Preto - SP

** Discutimos com mais profundidade essa questão num artigo publicado no número anterior desta revista.

mais informal em situações equivalentes de familiaridade (cf. 3, p.92).

Ao interpretar os resultados de testes de avaliação social de variáveis linguísticas que aplicou a informantes novaiorquinos, constata Labov que, embora possa haver um reconhecimento tácito pela maioria dos informantes do valor social de prestígio de determinada forma, somente a faixa dos falantes de classe média alta é capaz de empregar a variável de prestígio no intercâmbio verbal/cotidiano (cf. 3, p.93).

Esse fato tem sua motivação mais evidente no fato de que a norma de prestígio passa por um processo gradual de aquisição da infância à maturidade e, sobretudo, com discrepâncias provocadas pela condição socioeconômica do indivíduo.

Com efeito, crianças de famílias pertencentes à classe média iniciam o processo de aquisição a um nível mais elevado na escala apresentada por Labov, para demonstrar o grau de conformidade da linguagem do jovem em relação à do adulto. Ademais, essas crianças mostram-se mais sensíveis à norma de prestígio do que crianças de classe média baixa. Por outro lado, enquanto os jovens de todas as famílias se orientam para a mesma direção, isto é, no sentido do desenvolvimento progressivo do padrão de prestígio, jovens de classe baixa apresentam índices de desempenho relativamente baixos na escala à idade de 18 ou 19 anos. Segue-se que, no período etário em que adquirem bom conhecimento das normas sociolinguísticas, não mais são capazes de modificar seu dialeto básico para adquirir controle produtivo consistente (cf. Labov 4, p. 89).

"Some working class and most lower class families", afirma Labov, "are apparently too far removed from the middle class norms to assimilate them efficiently, and we can see that these youngsters who are below 50 percent at eighteen or nineteen years old will probably not reach any

significant degree of conformity while they still have the learning ability to match performance to evaluation. At the ages of thirty-five or forty", prossegue o autor, "these individuals may be able to evaluate the social significance of their own and other speech forms, without being able to shift their own performance." (4, p. 91).

Com base em tais constatações, tornadas propositalmente gerais para funcionarem como hipóteses de trabalho, temos, na presente investigação, o objetivo de examinar a competência verbal de informantes selecionados na cidade de São José do Rio Preto, no período em que se opera o processo de aculturação linguística, passível de se revelar pelo grau de conformidade às normas adultas de prestígio. A rigor, o que pretendemos, neste trabalho, é testar particularmente a hipótese de que o processo de aquisição da norma culta sofre a interferência de fatores de natureza socioeconômica, como parecem sugerir as investigações que Labov desenvolveu na cidade de Nova Iorque.

O meio empregado para alcançar tal meta é o exame das reações subjetivas dos informantes a respeito do valor social de prestígio associado à expressão verbal, de vez que a aquisição da norma culta está diretamente relacionada à capacidade de discriminar formas de prestígio de suas alternativas, estigmatizadas pelo corpo social como "incorretas", "deselegantes", "vulgares" e outros rótulos.

Ao tentar esclarecer o mecanismo da mudança linguística em curso, Labov evidencia, paralelamente, a importância da avaliação subjetiva da linguagem. Através de uma abordagem sincrônica do processo, cujo critério fundamental consiste na distribuição de informantes por tempo aparente, e não tempo real, representado pelo eixo das idades, demonstra haver implicações incontestáveis de caráter social na evolução da linguagem, seja durante o processo de desaparecimento de uma for-

ma socialmente estigmatizada, seja durante o processo de introdução de uma variante de prestígio, muitas vezes as duas faces da mesma moeda: “by examining linguistic change in progress”, afirma Labov, “we have seen that the ability to perceive the social significance of dialect differences precedes the acquisition of consistent prestige styles in Standard English.” (4, p. 92-93).

Se o processo de mudança tem origem nas classes menos favorecidas, os indivíduos de camadas elevadas, conscientes desse fenômeno, tendem a estigmatizar a forma introduzida, através das instituições que controlam, repelindo a transformação em curso. Se o processo se origina no extrato dominante, por outro lado, torna-se a forma introduzida a expressão de um símbolo de prestígio social, podendo ser empregada em registros mais formais, apenas pelos grupos que mantêm algum contato com o estrato dominante (cf. 3, p. 178-180).

A conscientização do valor social de uma variante lingüística apresenta-se como uma fase intermediária do processo total de mudança em curso — a fase de propagação — em que a significação social é inevitavelmente associada à variante sendo introduzida, em oposição à forma em desuso. De acordo com Labov, são três as fases do processo de mudança lingüística: “in the *origin* of the change, it is one of innumerable variations confined to the use of a few people. In the *propagation* of the change, it is adopted by such large numbers of speakers that it stands in contrast to the older form along a broad front of social interaction. In the *completion* of the change, it attains regularity by the elimination of competing variations” (3, p. 123).

É possível estabelecer, por conseguinte, uma relação entre os dois processos, o de mudança lingüística e o de aquisição de uma norma de prestígio, que é o que nos interessa diretamente. A aquisição

do domínio da variedade “standard” ocorre paralelamente ao processo de mudança lingüística. O reconhecimento do valor de prestígio de formas alternativas é tão relevante para que uma forma alcance uniformidade no uso real (ou para que desapareça a forma estigmatizada), quanto para que o falante adquira a capacidade de adequar sua expressão oral às necessidades das circunstâncias da interação verbal.

TÉCNICAS DE INVESTIGAÇÃO

Do que mencionamos na seção anterior, ficou claro que duas variáveis de natureza não lingüística se revelaram pertinentes para que a presente investigação lograsse atingir seus objetivos: preponderantemente, a condição etária e a sócioeconômica dos informantes; secundariamente, grau de escolaridade.

Fixamos, como princípio básico, selecionar informantes compreendidos na faixa etária entre 11 e 16 anos, de vez que é nesse estágio que, em maior ou menor grau, o jovem torna-se permeável às influências das variedades cultas do idioma, dominada por falantes adultos, em razão de ganhar progressivamente mais consciência dos valores sociais relacionados com a expressão lingüística.

Como solução mais plausível para agrupar jovens no período escolar mais compatível com a faixa etária investigada, de 5.^a a 8.^a séries, adotamos, como critério básico, aplicar os testes em escolas de 1.^o grau. Seria necessário, para tanto, selecionar estabelecimentos escolares que representassem somente os dois extremos da escala sócioeconômica.

Dos bairros periféricos, indicados por publicações da Fundação Projeto Rondon como os de população mais carente, de acordo com critérios objetivos de classificação (v. 5), optamos por um deles, denominado Eldorado. É nesse setor da cidade que se localiza a E.E. de 1.^o Grau “Prof. Adair Fogaça”, uma das es-

colas selecionadas. Dentre dois estabelecimentos escolares dotados de alto prestígio social, escolhemos o Colégio Santo André. A opção por essas escolas baseou-se no fato de terem um maior número de classes disponíveis, o que permitiu uma seleção mais adequada dos informantes. Enquanto a E.E. de 1.º grau "Prof. Adair Fogaça", pertence à rede estadual de ensino, o Colégio Santo André faz parte do setor privado. Selecionados os alunos através de sorteio, foi possível trabalhar com um total de 308 indivíduos, assim distribuídos: "Adair Fogaça" (Eldorado): 140 informantes; Santo André: 168 informantes.

O critério utilizado para a classificação sócioeconômica dos informantes foi a aplicação da escala de prestígio das ocupações, empregada no Brasil, por Bertram Hutchinson (v.2). Segundo tal critério, é possível situar os indivíduos em seu estrato social respectivo, considerando tão-somente a profissão principal deles ou a de seus responsáveis e o prestígio social que lhe é atribuído.

A utilização dessa técnica deveu-se ao fato de não ter sido possível contar com dados de classificação sócioeconômica previamente obtidos por instituições idôneas e aplicáveis ao conjunto total dos informantes investigados. Tendo recorrido à Fundação Projeto Rondon — núcleo de São José do Rio Preto, pudemos constatar a existência de dados classificatórios referentes à população carente da periferia urbana. Não lograríamos obter, entretanto, dados a respeito do grupo de classe alta. A solução mais eficaz e simples para esse problema foi o emprego da técnica de Hutchinson.

Embora a aplicação da escala das ocupações tenha demonstrado haver correlação positiva entre profissão e níveis de renda e escolaridade, há quem critique tal técnica: "...a ocupação revelou-se muitas vezes insatisfatória como elemento exclusivo de localização dos indivíduos na hierarquia social.

Por ser importante elemento de caracterização sócioeconômica, a ocupação não pode nem deve ser posta de lado; porém, seu uso isolado, sem o emprego simultâneo de outros indicadores, freqüentemente proporciona, como a experiência nos demonstrou, uma falsa imagem do verdadeiro nível sócioeconômico do informante" (Guidi & Duarte, 1, p. 68-69).

Acreditamos que a inclusão de outros indicadores seja particularmente válida, se o pesquisador pretende obter uma classificação sócioeconômica refinada, com vários níveis, e se, em adição, é a estratificação o fulcro de suas preocupações. Além de não serem esses os nossos interesses, já que pretendíamos trabalhar somente com os dois extremos do contínuo, a escala de prestígio das ocupações de Hutchinson tem a utilidade de apenas indicar o estrato sócioeconômico dos informantes enfocados, já intuído previamente.

E, com efeito, os resultados alcançados vieram a corroborar tal intuição: 89,7% dos pais dos alunos do Eldorado exercem profissões que não exigem sequer habilidades manuais (48,7%), ou que só exigem semi-habilidades manuais (29,7%); outros 11,3% exercem ocupações não manuais de padrão inferior. Apenas o pai de um informante, dentre todos investigados, não exerce atividade profissional inserida nas categorias 1 a 3 da escala, as mais baixas segundo o nível de prestígio social e de remuneração.

No Santo André, por outro lado, a grande maioria dos pais dos alunos (91,6%) exerce atividades inseridas nos níveis mais elevados de prestígio profissional, indicados pelos números de 4 a 6 na escala: 50,5% dos pais exercem profissões liberais e altos cargos administrativos; 9,8%, cargos de gerência e direção; 31,3% exercem ocupações não manuais de padrão superior. Há apenas 13 alunos no Santo André cujos pais exercem atividades de baixo prestígio social e de baixa

remuneração salarial, com um índice de 7,4% do total. Um quadro totalmente oposto ao representado pelos alunos do Eldorado.

O critério para o levantamento das variantes lingüísticas teve como base informações prestadas por professores de 1.º grau a respeito do desempenho lingüístico de seus alunos, além de observações diretas que fizemos como falante nativo de São José do Rio Preto. Foi possível levantar um inventário de variantes estigmatizadas pela norma culta, bastante comuns na região, porém não as únicas. São os seguintes os casos levantados:

- r-retroflexo em vez de vibrante alveolar ou de qualquer outra realização de / R / em posição de final de palavra;
- r-retroflexo em vez de lateral alveolar ou semivogal posterior em posição de final de palavra;
- vibrante alveolar em vez de lateral, como o segundo componente de um grupo consonantal;
- semivogal anterior em vez de lateral palatal em posição intervocálica;
- supressão de fricativa alveolar em posição de final de palavra;
- supressão de vibrante alveolar ou de qualquer outra realização de / R / em posição de final de palavra;
- vogal alta anterior em vez do ditongo nasal / eyN /, em posição de final de palavra;
- vogal alta posterior em vez do ditongo nasal / awN / em posição de final de palavra;
- nasal alveolar em vez de sua homorgânica oral, precedida de nasalização (/ Nd /) em gerúndios;
- inserção de semivogal anterior antes de fricativa alveolar em posição de final de palavra.

Embora tenham sido considerados os ambientes lexical (classe de palavra) e fonológico (diante de vogal, consoante e pausa), este trabalho se limitará aos desvios da norma culta como um todo, representando a competência lingüística dos informantes em relação à habilidade testada. A análise detalhada de cada variante, em relação às variáveis extralingüísticas enfocadas, demandaria muito mais espaço do que o que se pode ter à disposição num artigo desta natureza.

A técnica empregada para medir o grau de competência lingüística dos informantes, de acordo com as variáveis extralingüísticas enfocadas, consistiu num teste de avaliação subjetiva do valor social das variantes lingüísticas. Foi elaborada, para cada uma delas, uma sentença que contivesse apenas a forma estigmatizada ou dotada de baixo prestígio social e, para cada sentença, foram dadas, à escolha do informante, duas ocupações bem dispares quanto ao nível de prestígio social, como por exemplo *pedreiro x engenheiro*. Conseqüentemente, o informante deveria indicar, no formulário de respostas, a ocupação mais provável que pudesse exercer um falante que se expressasse do modo ouvido numa gravação. É evidente que, se reconhecesse haver, em cada um dos quarenta e cinco enunciados, uma variante estigmatizada, o informante indicaria com um X a ocupação de menor prestígio.*

Para que as metas que pretendíamos atingir não sofressem qualquer desvio, procuramos selecionar ocupações bem dispares quanto ao grau de prestígio social, tal como se acham arroladas na escala de prestígio das ocupações de Hutchinson, supramencionada (v. 2), testando previamente a sua validade. Ademais, os

*Este teste, sem as modificações que introduzimos posteriormente, foi aplicado durante o projeto intitulado "Desenvolvimento de Novas Metodologias Aplicáveis ao Processo de Ensino-Aprendizagem para o Ensino de 1.º Grau", desenvolvido pelo extinto Centro de Recursos Humanos e Pesquisas Educacionais "Prof. Laerte Ramos de Carvalho" (CERHUPE), atual CENP — Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. Do referido projeto, participamos como auxiliar de pesquisa, sob a assessoria técnica e orientação geral do Prof. Dr. Brian Franklin Head.

informantes foram instruídos verbalmente, na ocasião da aplicação do teste a respeito da artificialidade da situação. O julgamento da gravação deveria considerar, ainda, tão-somente a pronúncia das palavras e não o timbre, a entoação, o ritmo ou a altura da voz dos locutores.

A finalidade do teste é especificamente avaliar a capacidade do informante em reconhecer o valor social de prestígio que a norma culta geralmente atribui à forma lingüística, sempre que alternantes de expressão estiverem envolvidas. A técnica desenvolvida baseou-se num princípio formulado por Labov, segundo o qual "reactions to phonological variables are inarticulate responses, below the level of conscious awareness, and occur only as a part of an overall reaction to many variables" (4, p. 144).

Isso significa que, se o falante é interpelado diretamente a respeito de questões lingüísticas, suas atitudes não se apresentam de um modo sistemático, uma vez que ele não tem consciência da norma que governa a comunidade. É na forma indi-

reta de obter julgamentos intuitivos sobre valores sociais associados à linguagem que a técnica aqui empregada equivale à de Labov*.

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A Tabela 1 abaixo apresenta os dados segundo a relação existente entre o grau de competência na habilidade testada — capacidade de reconhecer o valor social de prestígio de algumas variantes lingüísticas — e os fatores maturidade e nível socioeconômico. Esta última variável acha-se limitada a dois extremos da escala: *Eldorado* representa o grupo que ocupa o extremo socioeconomicamente desfavorecido; *Santo André*, o grupo que representa o extremo oposto. As médias percentuais concernem ao número de erros no teste.

Não é possível comparar os resultados dos dois grupos faixa etária por faixa etária, de vez que a distribuição dos informantes investigados não coincide estrita-

TABELA 1 — Grau de competência lingüística segundo os fatores idade e nível sócio-econômico

idade	Eldorado	Santo André
11	—	33,9 (n = 35)
12	27,7 (n = 12)	31,3 (n = 43)
13	30,9 (n = 36)	27,0 (n = 42)
14	35,2 (n = 39)	34,4 (n = 36)
15	36,7 (n = 27)	30,3 (n = 12)
16	36,8 (n = 26)	—
média geral	34,0 (n = 140)	31,4 (n = 168)

* Em seu próprio teste, Labov expõe seus informantes a 22 versões gravadas do mesmo texto, que não diferem uma da outra senão pela variante enfocada. Solicita-lhes que se coloquem na situação hipotética de chefe de empresa entrevistando candidatos a um emprego. Pede-lhes, em seguida, que indiquem a atividade profissional mais provável que o locutor poderia exercer. No formulário consta uma lista de ocupações hierarquizadas de acordo com o grau de prestígio social: locutora de tv, secretária executiva, recepcionista, telefonista, vendedora e operária. (cf. 3, p. 145-147).

mente: os alunos do Eldorado acham-se situados entre a faixa dos 12 aos 16 anos; no Santo André, circunscrevem-se à faixa dos 11 aos 15 anos.

A média geral, que indica o grau de competência de cada grupo sócio-econômico, indiferentemente à variável idade, permite entrever uma fraca correlação entre a variável lingüística, representada pela avaliação do valor social de um conjunto de formas alternantes de expressão, e a variável sócio-econômica: a diferença em detrimento do grupo desfavorecido está representada por um índice de 2,6%. Além disso, se estabelecermos confronto entre as faixas etárias coincidentes, podemos verificar que numa, a de 14 anos, a diferença é muito reduzida, menos de 1%, e noutra, a de 12 anos, os informantes de classe baixa apresentam grau de competência superior, com um índice de erros de 27,7%, contra 31,3% do grupo oposto.

Se observarmos, entretanto, os índices porcentuais respectivos a cada faixa etária, examinando os grupos sócio-economicamente opostos de forma isolada, é possível deduzir, contrariando os resultados acima discutidos, que há, de fato, uma correlação entre a condição etária e sócio-econômica dos informantes e o grau de competência por eles revelado na habilidade testada. Os resultados demonstram que, com efeito, há uma tendência oposta, até certo ponto, no desempenho de cada grupo de informantes, se enfocarmos a partir do grau de conformidade ao padrão de prestígio, indicado na Tabela 1, pelo amadurecimento etário.

Os resultados fornecidos pelos informantes do Santo André apresentam uma tendência, ainda que irregular, para um decréscimo progressivo nos índices de erros, conforme aumenta a maturidade, o que indica grau progressivo de conformidade à norma adulta de prestígio. Essa tendência é particularmente observável no desempenho dos informantes com 11, 12 e

13 anos. Há, contudo, um decréscimo irregular no grau de competência demonstrado pelos informantes com 14 anos (34,4% contra os 27,0% do grupo de idade imediatamente inferior) e, embora o desempenho dos informantes com 15 anos sofra relativa melhora, seu grau de eficiência no teste é ainda inferior ao do grupo de informantes situado na faixa dos 13 anos.

O desempenho dos informantes sócio-economicamente desfavorecidos, representados por Eldorado, revela-nos, por outro lado, uma tendência inequívoca, segundo a qual o grau de competência diminui a uma proporção inversa ao grau de amadurecimento etário: o índice de erros sobe progressivamente de 27,7% com relação ao desempenho dos informantes com 12 anos até 36,8%, respectivamente aos informantes com 16 anos. É possível deduzir, nesse caso, que esse grupo apresenta um decréscimo regular na capacidade de reconhecer formas lingüísticas de prestígio, habilidade necessária para a aquisição da norma culta. Em outros termos, esses jovens não parecem revelar qualquer indício de conformidade às normas adultas dotadas de prestígio social.

Como não é possível descartar a influência do processo de escolarização sobre o de aquisição da linguagem padrão, especialmente em relação ao grupo sócio-economicamente desfavorecido, os resultados permitem constatar que o ensino veiculado pelo sistema educacional parece ser deficitário, no que concerne especificamente à instrução da língua portuguesa. Para que tal dedução não passe por leviana e inconseqüente, passaremos a examinar os mesmos dados, distribuídos, no entanto, segundo a relação entre competência lingüística e as variáveis maturidade e escolaridade combinados e associados, ainda, a nível sócio-econômico.

A Tabela 2 abaixo apresenta os dados segundo a relação entre grau de competência na habilidade testada, medida

através dos índices de erros, e os fatores idade, escolaridade e nível sócio-econômico.

Essa combinação de variáveis extralingüísticas permite examinar os dados segundo duas perspectivas, ambas relevantes: de um lado, verificar o desempenho de cada grupo etário segundo a variação progressiva do grau de escolaridade; de outro, verificar o desempenho dos informantes agrupados em cada uma das quatro séries, conforme a variação progressiva de idade.

Como há três fatores combinados — estrato sócio-econômico, escolaridade e idade — não é possível contar com incidência razoável de representantes em todos os subagrupamentos considerados. Dessa forma, dados obtidos de grupos muito reduzidos de informantes deixam de ser pertinentes, em razão de sua baixa fidedignidade.

Os resultados referentes ao desempenho no teste dos informantes de classe alta (Santo André), expostos na Tabela 1, demonstraram que o grau de eficiência lingüística sofre um acréscimo progressivo,

embora irregular, à proporção que aumenta o grau de maturidade. Se, entretanto, combinarmos este fator com a variável escolaridade, é possível verificarmos que os informantes de uma mesma série escolar raramente demonstram maior grau de competência que o grupo de idade imediatamente inferior. Em outros termos, a competência dos alunos de cada série passa por um decréscimo regular à medida que aumenta a idade. No Santo André, esse fenômeno é particularmente verificável se atentarmos para as faixas de 11 e 12 anos, na 5.^a série, de 12 e 13 anos na 6.^a e de 13 e 14, na 7.^a série, justamente as que apresentam incidência razoável de representantes. Somente na 8.^a série é que não se observa esse fato: os informantes com 15 anos são de fato melhores que os seus colegas com 14 anos.

Embora haja algumas exceções, é possível verificar, por outro lado, que o grau de eficiência na habilidade testada tende a aumentar gradativamente de acordo com o acréscimo de grau de escolaridade. Como não é possível obter mais que duas séries para confronto, essa generalização fica um pouco prejudicada. No en-

TABELA 2 — Grau de competência lingüística segundo os fatores idade, escolaridade e nível sócio-econômico

idade	Eldorado				Santo André			
	5a.	6a.	7a.	8a.	5a.	6a.	7a.	8a.
11	—	—	—	—	34,6 (n = 32)	26,6 (n = 3)	—	—
12	24,4 (n = 6)	31,1 (n = 6)	—	—	36,5 (n = 7)	30,0 (n = 32)	32,2 (n = 4)	—
13	30,3 (n = 14)	31,2 (n = 12)	32,0 (n = 9)	24,4 (n = 1)	42,2 (n = 2)	33,3 (n = 5)	24,3 (n = 31)	32,7 (n = 4)
14	33,1 (n = 10)	37,9 (n = 11)	37,5 (n = 9)	32,0 (n = 9)	—	52,2 (n = 2)	35,5 (n = 7)	32,8 (n = 27)
15	17,7 (n = 2)	41,3 (n = 5)	36,1 (n = 8)	38,3 (n = 12)	—	—	28,8 (n = 3)	30,8 (n = 9)
16	31,8 (n = 6)	38,3 (n = 4)	36,5 (n = 9)	40,6 (n = 7)	—	—	—	—
média geral	29,7 (n = 38)	35,2 (n = 38)	35,5 (n = 35)	36,4 (n = 29)	35,3 (n = 41)	31,2 (n = 42)	27,1 (n = 45)	32,3 (n = 40)

tanto, se observarmos o desempenho dos informantes com 11 anos na 5.^a série, em confronto com o desempenho dos informantes com 12 na 6.^a e com 13 na 7.^a, podemos deduzir a existência de uma correlação estável entre idade e série, da qual a 8.^a é exceção.

É possível generalizar, a partir dos resultados acima discutidos, que o grau de escolaridade parece reforçar a aquisição gradual das normas adultas de prestígio, no que respeita ao grupo socioeconomicamente favorecido.

O fato de haver, por outro lado, uma proporção inversa entre competência e maturidade, dentro de cada série isoladamente, parece contradizer os resultados gerais examinados na Tabela 1, em que o fator mais importante envolvido é justamente a condição etária dos informantes. Tal contradição é, contudo, apenas aparente, de vez que nos parece muito natural que os alunos com idade mais avançada dentro de cada grau de escolaridade apresentem menor rendimento. É possível deduzir que esses alunos, que apresentam incompatibilidade entre condição etária e escolar tenham sido reprovados em séries anteriores ou em anos anteriores. Haveria nesse caso uma correlação entre rendimento escolar e grau de competência lingüística, que enunciarmos apenas como uma hipótese plausível para a justificação dos resultados, uma vez que não nos dedicamos a testar a relação entre desempenho na habilidade testada e rendimento escolar.

Quanto ao desempenho dos jovens de estrato socioeconomicamente baixo (Eldorado) é mais uma vez um comportamento oposto que se pode verificar a partir de seus resultados. Os índices de erros, que indicam a competência do grupo em questão, sugerem a conclusão de que nem o efeito do ensino, nem o efeito do amadurecimento etário parecem provocar algum progresso na aceleração do processo

de desenvolvimento das normas adultas de prestígio.

A relação de proporção inversa que constatamos existir entre a competência lingüística e a maturidade está empiricamente embasada nos dados. Com efeito, na 5.^a série é particularmente observável a tendência ao decréscimo no grau de eficiência na habilidade testada, se atentarmos para o desempenho dos informantes com 12, 13 e 14 anos; na 6.^a série, os índices de erros sobem regularmente de 31,1%, nos resultados dos informantes com 12 anos, a 41,3%, concernentes ao desempenho do grupo com 15 anos. Ainda que esse padrão não espelhe o comportamento dos alunos da 7.^a série, é preciso observar que os informantes mais amadurecidos (com 16 anos) apresentam índice de erros 4,5% mais elevado que seus colegas mais jovens (com 13 anos). Já na 8.^a série os dados que indicam correlação negativa entre competência e maturidade voltam a mostrar regularidade: o índice de erros se eleva dos 32,0, relativos ao desempenho do grupo com 14 anos, aos 40,6%, referentes ao do grupo com 16. Em nenhuma das quatro séries escolares os resultados contradizem a análise da Tabela 1, pelo contrário, reforçam-na.

Se considerarmos, por outro lado, a influência da escolaridade sobre cada grupo etário, podemos verificar que a tendência ao acréscimo no índice de erros, que revelaria correlação negativa entre competência lingüística e escolaridade, não é absolutamente regular. Não deixa, entretanto, de permitir tal dedução, mesmo porque os índices globais expostos na última linha da Tabela 2 indicam-nos claramente essa inclinação: sobem gradativamente de 29,7% no desempenho dos alunos da 5.^a série a 36,4% no desempenho dos alunos da 8.^a. A tendência ao decréscimo no grau de competência lingüística está, de qualquer forma, evidenciada nos resultados dos informantes com 13 anos, da 5.^a a 7.^a séries; no desempenho dos informantes com 14 anos, embora os alunos

de 8.^a série apresentem grau de eficiência 1% superior aos seus colegas de 5.^a série. O padrão é irregular no desempenho do grupo com 15 anos e no do grupo com 16, mas, neste último, os índices demonstram com bastante clareza a relação de proporção inversa existente entre competência e escolaridade.

CONCLUSÃO

Conforme mencionamos na introdução, este trabalho teve como objetivo investigar o grau de correlação possivelmente existente entre variáveis extralingüísticas, como a condição socioeconômica, a etária e a escolar dos informantes selecionados, e a competência lingüística demonstrada num teste de avaliação do conhecimento do valor social, inevitavelmente associado à linguagem.

Os dados empíricos analisados indicaram haver de fato tal correlação, o que vem a implicar, necessariamente, o processo de aquisição da norma culta.

Os informantes de classe baixa, com efeito, tendem a não desenvolver adequadamente o processo de conformidade à linguagem padrão; pelo contrário, o que seu desempenho indica é um decréscimo gradual da capacidade de reconhecer variantes cultas da língua portuguesa, conforme aumenta a maturidade. Mais grave ainda foi constatar que, paralelamente, o acréscimo da escolaridade não parece estimular nesses jovens o desenvolvimento da norma de prestígio, que, segundo nos parece, é inegavelmente um dos objetivos do ensino da língua materna.

O comportamento dos informantes de classe alta não difere muito, em termos de média global, do aproveitamento na habilidade testada, apresentado pelo grupo socioeconomicamente oposto. Não obstante, é verdadeiro afirmar que o desempenho desses jovens indica haver correlação positiva entre amadurecimento etário e competência lingüística. Na relação entre desempenho nos testes e os fato-

res escolaridade e idade combinados, foi também possível verificar uma correlação positiva, indício, de resto, de que a escolaridade só vem a reforçar o processo de aquisição da linguagem padrão.

No que concerne ainda ao grupo socioeconomicamente privilegiado, seria possível deduzir, à luz dos resultados, que a escolaridade tem peso relativamente maior que a maturidade. Em oposição a tal argumento, é preciso considerar que o sistema escolar não se dedica ao ensino da habilidade que investigamos, que consiste, repetimos, na capacidade de reconhecer valores sociais associados à linguagem. Dedicar-se, sim, ao critério exclusiva da norma prescritiva, cujo princípio básico consiste na suposição de que só uma forma é correta, em detrimento de suas alternativas, quando mais apropriado seria propor que tal forma fosse apenas a mais adequada a determinadas circunstâncias de intercâmbio verbal.

A esse propósito e tendo em vista a discrepância observada, com base no grau de competência dos informantes investigados, convém fazermos nossas as palavras de Labov e a sua perplexidade: como se explica que os jovens das camadas mais desfavorecidas, expostos à norma culta da língua portuguesa durante onze longos anos de duro banco escolar, não são capazes de reproduzir um diálogo num português culto consistente por alguns minutos? (cf. 4, p. 94).

Antes de tentar a resposta, citemos o próprio Labov: "language may be looked upon as a system for integrating values. Linguistics has made progress in analyzing the cognitive component, but many elements of language (certainly not all) are imbued with noncognitive values as well, and the total information conveyed in these noncognitive functions may outweigh the cognitive informations" (4, p. 94). Nesse sentido, um dos valores não cognitivos associados à linguagem consiste na identificação social com o grupo de

pares, possibilitada, a nível verbal, pela seleção de certas formas e não de outras. Dentre as formas não empregadas por um falante de classe baixa, acham-se indubitavelmente incluídas algumas das expressões diariamente veiculadas como corretas por professores em suas aulas de língua portuguesa. Esse fator, que influi negativamente na aprendizagem da forma culta da linguagem, manifesta-se como um dos conflitos de valores associados à linguagem, enunciados por Labov (v. 4, p. 70-71).

Não há dúvida que a ineficiência do ensino deita aí as suas raízes mais profundas, sobretudo se levarmos em consideração que é possível atribuir à escola uma importante função de aculturação, no que concerne especificamente à sua influência sobre o processo de aquisição da norma de prestígio, com referência particular à camada socioeconomicamente desfavorecida.

Os resultados sugeriram, entretanto, não ser esse o seu papel concreto, especialmente no que respeita à escola pública, cujos alunos parecem pertencer, de fato, à camada menos privilegiada, justamente aquela para quem o ensino deveria consistir na via de acesso social mais apropriada, senão a única.

Para as escolas que se fazem representar por alunos provindos dos estratos mais privilegiados, como o Colégio Santo André, a sua função socializadora parece desenvolver-se naturalmente; no sentido específico, porém, de reforçar os valores

adquiridos no ambiente sócio-cultural. É possível que tais valores não cognitivos, relacionados com a linguagem, coincidam com os que são cultivados pela norma prescritiva adotada pelo ensino, relativamente a variantes lingüísticas.

Se, para a camada baixa, tal reforço não logre ocorrer, é porque não há o que reforçar: os valores não cognitivos adquiridos em seu próprio contexto social são discrepantes em relação aos transmitidos pelo ensino. É, por conseguinte, aculturadora a função da escola pública em relação à população carente que a freqüenta e não apenas socializadora. Equivale a dizer que não deve apenas reforçar valores de prestígio social associados à linguagem, mas transformá-los, tendo em vista a ineficácia do meio em fazê-lo.

Isso não significa, obviamente, que comunidades carentes não possuam seus próprios valores e tampouco que sejam incapazes de socializar suas crianças no sentido de tais valores. O que de fato sucede é que os valores dominantes de prestígio e status acham-se diretamente correlacionados, na prática, com os valores ideológicos de poder, limitados às camadas socioeconomicamente favorecidas.

Eliminar, por conseguinte, o conflito de valores motivado pela própria intolância do tipo de ensino baseado na norma prescritiva equivale a eliminar sua prática como recurso didático exclusivo no ensino da língua materna. Essa é a lição mais proveitosa que os dados empíricos aqui analisados puderam proporcionar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. GUIDI, M.L.M. & DUARTE, S. — Um esquema de caracterização socioeconômica. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 52, 65-81, 1969.
2. HUTCHINSON, B. — *Mobilidade e trabalho. Um estudo da Cidade de São Paulo*. Rio de Janeiro, Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, INEP/MEC, 1960.
3. LABOV, W. — *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1972.
4. LABOV, W. — Stages in the acquisition of standard English. In: SHUY, R., org. — *Social dialects and language learning*. Champaign, National Council of Teachers of English, 1965. p. 77-103.
5. *Levantamento Histórico, Geoeconômico e Socioeconômico dos Bairros Eldorado e São Jorge e adjacências*. São José do Rio Preto, Fundação Projeto Rondon, 1977.